

6 | CIDADES

ENTREVISTA DE DOMINGO Olívia Camargo da Cruz

Uma mulher à frente do seu tempo

CARLA OLIVO

O sonho da paulistana Olívia Camargo da Cruz era estudar para se formar professora e atriz, além de praticar natação, mas o destino quis diferente. Ela teve oportunidade de estudar apenas até o quarto ano primário no Grupo Escolar Coronel Almeida, mas com quase um século de vida e uma memória invejável, mantém o hábito de ler jornais, revistas e livros, acompanha o cenário político e econômico do País nos noticiários da TV, faz questão de votar, apesar de não ter mais esta obrigatoriedade, e pratica 40 minutos de exercícios todos os dias, no aparta-

mento em que mora, no Mogi Moderno. Adora conversar e relembrar sua trajetória, iniciada na Capital, onde nasceu e o pai, Mário Paes de Camargo, trabalhava como oficial da Força Pública do Estado. Após a aposentadoria, quando Olívia tinha 4 anos, ele escolheu Mogi das Cruzes para viver com a família e, na sequência, a pacata Guararema. E foi olhando a calmaria da rua, da janela de sua casa, que aos 14 anos Olívia conheceu o engenheiro Francisco Lopes da Cruz, com quem se casou e foi morar no Rio de Janeiro. Lá nasceu a primeira filha do casal, Estela. Já de volta a Guararema, tiveram Leonor e quando

a caçula tinha 5 anos, passaram a morar em Mogi. Em 1966, trabalhando como segurança particular de famílias e estabelecimentos comerciais, como a antiga revendedora de veículos Lizardo e Monteiro, Francisco morreu após ter sido atropelado na Avenida Voluntário Fernando Pinheiro Franco. Viúva aos 41 anos, Olívia não quis outro companheiro, participou de grupos teatrais em Guararema e Mogi, viajou em excursões com as amigas e frequentou os bailes da terceira idade do Renascer e Sarau. Na entrevista a **O Diário**, ela compartilha suas histórias vividas na Cidade com os leitores:

A senhora nasceu na Capital. Por que a família veio para Mogi das Cruzes?

Nasci na casa onde meus pais (Mário Paes de Camargo e Sebastiana Nóbrega Camargo) moravam, na Santa Efigênia, em São Paulo, perto do quartel onde ele trabalhava, na Força Pública. Neste dia, ele estava nas trincheiras do Mato Grosso do Sul e voltou dois dias depois, quando me registrou. No serviço, meu pai pegou tanta friagem que ficou doente e se aposentou, mas participou da Revolução de 1932. Não sei como ele e minha mãe decidiram se mudar para Mogi, mas acho que é por causa da tranquilidade que havia aqui e da proximidade com a Capital.

Há lembranças de sua infância na Cidade?

Tenho boas lembranças desta época, principalmente do período em que morei no Bairro do São João, quando as ruas eram todas de terra e era preciso ir a pé até o Grupo Escolar Coronel Almeida, onde fiz do primeiro até o quarto ano do primário. No tempo seco, era só poeira e quando chovia ficava pura lama. Eu adorava andar pela beirada da rua, onde a água da chuva corria, molhando o tênis colorido e com estampas de animais. Tive uma infância feliz, ao lado dos meus pais e irmãos (Petronilha, Thereza e Dirceu - hoje já falecidos). Na escola, aprendíamos até a bordar meias nas aulas de Trabalhos Manuais e, aos sábados à tarde, tínhamos canto, com a professor Leonor de Oliveira Melo ao piano. Elas nos ensinou os hinos Nacional, da Independência, da Bandeira, entre outros. Ainda nesta época, os alunos da Coronel Almeida seguiram em procissão pela Avenida dos Bancos para acompanhar o sepultamento do Fernando Pinheiro Franco, morto na Revolução de 32. Tudo acontece nesta área da Cidade, como os desfiles de Carnaval e os de 1º e 7 de setembro, em comemoração ao aniversário de Mogi e à Independência do Brasil. Era bonito ver as famílias reunidas e a avenida lotada.

E depois do primário?

Fiz o curso preparatório para o Exame de Admissão com a professora Jovita (Franco Arouche), que dava aulas em uma sala na Rua José Bonifácio, onde hoje funciona um estacionamento, na lateral da Matriz (Catedral de Santana). Mas assim que terminei o curso, em 1938, nem fiz a avaliação para ingresso no ginásio e nos mudamos para Guararema, na época apenas um vilarejo, porque meu pai ficava sempre doente aqui e o clima de lá era melhor. Mas não havia ginásio na cidade e o primeiro grupo escolar foi inaugurado anos depois pelo Adhemar de Barros. Meu pai era radial e não me deixava viajar todos os dias para fazer o curso ginásio em Mogi, então, não pude dar continuidade aos estudos. Mas ele era inteligente, tinha estudado na Macenária em São Paulo, e eu aprendi muito com ele. Além disso, sempre li os jornais 'O Estado de S. Paulo' e 'Correio Paulistano', que ele assinava e até hoje tenho o costume de ler bastante.

Como a senhora conheceu o marido?
Ele era viajado e, em 1928, tinha ido com dois amigos, de carro, do Rio de Janeiro até Nova York. O Francisco era 32 anos mais velho do que eu e veio transferido do Rio de Janeiro



RECORDAÇÕES Aos 91 anos, Olívia Camargo da Cruz conta histórias vividas em Mogi, onde chegou na infância

para Guararema por causa das obras da Variante do Parati da Estrada de Ferro Central do Brasil, na década de 40. Na época, eu já morava em Guararema e costumava ficar com minha irmã caçula, a Thereza, na janela, olhando a rua. Ele parou para conversar conosco e se simpatizou comigo. Eu tinha 14 anos e começamos a namorar. Quando saía com ele, pensavam que ele era meu pai. Logo ficamos noivos, mas como minha mãe teve um derrame, fiquei cuidando dela e adiei o casamento. Ela morreu em 1945 e quando marcamos a data, foi meu pai quem adoeceu. Ele teve esclerose, sofria de mania de perseguição, e novamente meu casamento ficou para segundo plano. Cuidei dele, que passou 8 meses no Hospital da Cruz Azul, em São Paulo e, em 1948, quando melhorou, nós nos casamos em Guararema e viajamos para o Rio de Janeiro em lua de mel. Morei 8 anos lá, onde nasceu nossa primeira filha, Estela, mas sempre vinha para Guararema ver meu pai, que ficou morando com a Thereza. Gostava do Rio, conheci o Pão de Açúcar, Corcovado, Niterói, era tudo lindo, e não havia violência como hoje, mas morria de saudades daqui. Então, voltamos para Guararema, onde a Leonor nasceu, e quando ela tinha 5 anos, com a morte do meu pai, viemos morar em Mogi.

Em quais regiões da Cidade a senhora morou?

Primeiramente moramos na Avenida dos Bancos (Voluntário Fernando Pinheiro Franco), que era calçada com paralelepípedos e tinha vários casarões bonitos. Depois, fomos para a Rua Coronel Santos Cardoso, onde ficamos apenas dois anos porque havia enchente e a água entrava em nossa casa. Na época em que morávamos na Dr. Deodato Wertheimer, meu marido

foi atropelado por um carro dirigido por um motorista da Granja Nogueira, na Avenida dos Bancos, já na travessa com a revendedora de veículos Lizardo Monteiro, onde ele fazia ronda policial como segurança particular para este e vários outros comércios da região, além de casas de família. Era 23 de dezembro de 1966, ele foi levado para o hospital, mas morreu no dia seguinte, véspera de Natal. Eu estava com tudo pronto em casa, porque ele era festeiro e gostava de comemorar, mas infelizmente, o pior aconteceu. Como a Estela se casou e foi para Santos, eu e a Leonor, que estudava na escola Firmino Ladeira, nos mudamos para a Rua Piranga, que sempre foi bastante movimentada. Nossa casa era perto da Capela de Santa Rita, que eu frequentava, mas também ia às missas da Catedral e das igrejas do Carmo e São Benedito (Santuário Bom Jesus). Morei, ainda, em outros locais do Centro, no Bairro dos Remédios e, há três anos, estou com a Leonor e meu genro João (Bisca Brito), em um apartamento do Mogi Moderno.

Como a senhora avalia o crescimento da Cidade?

Quando cheguei aqui, na infância, jamais poderia imaginar que Mogi chegaria a este ponto. Já casada, na volta do Rio de Janeiro, percebi que a Cidade já havia mudado com a criação das universidades que trouxeram muita gente de fora para cá. Alguns viajavam todos os dias, mas outros moravam aqui durante o curso e, mesmo depois da formatura, acabavam ficando. A partir daí, Mogi cresceu demais e começaram a surgir os prédios. Mas o progresso é bom e Mogi está ficando cada vez mais bonita. Adoro a Cidade e sentia muita falta daqui quando morava fora.

Apesar de não ser mais obrigada, a senhora ainda faz questão de votar?
Nunca deixei de votar. Tenho

espírito político, trabalhei para o Adhemar de Barros quando morava em Guararema e no Rio e, em Mogi, gosto do Junji (Abe), porque admira a colônia japonesa, que é inteligente e sincera. Se fosse votar aqui, iria escolher o candidato indicado pelo Bertaioli (Marco Bertaioli, atual prefeito), mas há alguns anos transferei o título para Biritiba Mirim para votar no meu genro Donizeti (Assis de Siqueira), casado com a Estela, que é vereador lá. Neste ano, ele concorrerá à reeleição e minha neta Jacimara também é candidata a vereadora.

Qual a avaliação da senhora sobre o impeachment e a crise política do País?

Acompanho com decepção, pelos jornais, revistas e televisão tudo que está acontecendo. Votei duas vezes no Lula (Luís Inácio Lula da Silva, ex-presidente da República) e uma vez na Dilma (Rousseff, ex-presidente). Mas, infelizmente, fiquei desiludida com eles e as coisas só pioraram. Vamos ver agora, com o novo presidente (Michel Temer), se vai melhorar. Espero que sim...

Quais as suas distrações?

Leio dois jornais todos os dias, incluindo **O Diário**, do qual sou assinante há muitos anos, além de revistas e livros, principalmente os espirituais. Embora tenha sido criada na religião Católica, onde fui batizada, crismada e fiz a 1ª comunhão, trabalhei mais de 20 anos como médium no Centro Espírita Amor e Caridade, no Bairro dos Remédios. Todos os domingos, vou ao bingo do Pró-Vida para ajudar os idosos atendidos pelo asilo e me distrair, já que adoro estar em contato com as pessoas, conversar e saber das novidades. Sou aquariana, assim como meu marido, que era aventureiro, e não tenho medo

PERFIL

NOME: OLÍVIA CAMARGO DA CRUZ
IDADE: 91 ANOS
NASCIMENTO: SÃO PAULO (CAPITAL)
ESTADO CIVIL: VIÚVA HÁ 50 ANOS DE FRANCISCO LOPES DA CRUZ
FILHAS: ESTELA APARECIDA E LEONOR
NETOS: TARSO, FRIDA, JUCIMARA E MARCELO
BISNETOS: ENZO, PALOMA, CHANDRIA, ICARO, JÉSSICA, MARCELO JÚNIOR E MATEUS
TRINETOS: MANOELA, ESTELA ALICE E MARCELO NETO
FORMAÇÃO: CURSO PRIMÁRIO

de nada. Quando fiz 90 anos, viajei de teco-teco do Aeroclube de Biritiba Mirim até perto de Bertogiã, num passeio panorâmico. Recentemente, matei a vontade de andar de moto, indo na garupa do meu genro, até a casa da minha filha, Estela, em Biritiba. Outra aventura foi andar na roda-gigante com mais de 30 metros de altura, que ficou no estacionamento do Mogi Shopping, com meu neto Ícaro e sua mulher, Cris.

Ficaram mais saudades da Mogi das Cruzes de antigamente?

Sempre gostei muito de ir a teatros, cinemas, shows, eventos e excursões, além de dançar. Frequentei os bailes do União, Portuguesa, Itapeti Clube e o salão do São João, que ficava na Rua Dr. Paulo Frontini, ao lado da Catedral. Também adorava os carnavais e ia aos cinemas Parana, Odeon, Urupema e Avenida assistir a filmes populares, comédias e de romance. Lembro dos programas de auditório da Rádio Marabá, que ficava em cima do Cine Odeon e recebia vários artistas. Gosto de rádio e até hoje ligo para participar do programa do Waldinei, na Metropolitana, oferecendo músicas para as amigas.

Após a morte do marido, a senhora não quis ter outro companheiro?

Até surgiram pretendentes, mas não queria ficar presa de novo e via muita violência, então fiquei com medo, porque quando meu marido morreu, a Estela tinha 18 anos e a Leonor 11. Além disso, criei minha neta, a Jacimara desde os 3 meses para a Estela trabalhar. Mas vivi bem assim e não senti falta de um companheiro, porque saía bastante com as amigas, ia a excursões, bailes do Renascer e do Sarau, na Ricardo Vilela, e até participei de grupos de teatro, em Guararema, onde me apresentei em três peças. Em Mogi, fiz parte do grupo montado pelo professor Pedro Gandola, que ensaiava esquetes no coreto da Praça São Benedito (Largo Bom Jesus), no Jardim e no antigo prédio da Telefônica (hoje Centro Cultural de Mogi).

Qual o segredo para tanta vitalidade aos 91 anos?

A impressão é de que tenho o espírito jovem, porque gosto de tudo o que é novo. Eu me sinto como se tivesse 20 anos de idade. Leio muito, faço palavras-cruzadas, pinto aqueles livros com desenhos, faço 40 minutos de exercícios todos os dias, no apartamento mesmo, procuro me manter informada e tenho disposição para sair, passear e bater papo.